



A Santa Sé

VISITA AO PONTIFÍCIO SEMINÁRIO MAIOR ROMANO
NO DIA DE NOSSA SENHORA DA CONFIANÇA

"LECTIO DIVINA" DO PAPA BENTO XVI

*Capela do Seminário
Quinta-feira, 15 de Fevereiro de 2012*

[Vídeo]

Eminências

Irmãos no Episcopado

e no sacerdócio Estimados seminaristas

Queridos irmãos e irmãs!

É para mim sempre uma grande alegria ver, no dia de Nossa Senhora da Confiança, os meus seminaristas, os seminaristas de Roma, a caminho para o sacerdócio, e assim ver a Igreja de amanhã, a Igreja que vive sempre.

Hoje ouvimos um texto — ouvimo-lo e meditámo-lo — da *Carta aos Romanos*: Paulo fala aos Romanos e por conseguinte fala a nós, porque fala aos Romanos de todos os tempos. Esta Carta não é só a maior de São Paulo, mas é também extraordinária devido à espessura doutrinal e espiritual. É extraordinária também porque é uma carta escrita a uma comunidade que não tinha fundado e nem sequer tinha visitado. Ele escreve para anunciar a sua visita e expressar o desejo de visitar Roma, e prenuncia os conteúdos essenciais do seu *Kerygma*; deste modo prepara a Cidade para a sua visita. Escreve a esta comunidade que não conhece pessoalmente, porque é o Apóstolo dos Pagãos — do trecho do Evangelho dos Hebreus aos Pagãos — e Roma é a capital dos Pagãos e portanto o centro, também da sua mensagem. O seu Evangelho deve chegar aqui, para que alcance realmente o mundo pagão. Chegará, mas dum modo diferente de como tinha pensado. Paulo chegará em cadeias por Cristo e precisamente em cadeias se sentirá livre para

anunciar o Evangelho.

No primeiro capítulo da *Carta aos Romanos*, ele diz também: da vossa fé, da fé da Igreja de Roma fala-se em todo o mundo (cf. 1, 8). O aspecto memorável da fé desta Igreja é que dela se fala no mundo inteiro, e podemos reflectir sobre o seu estado actual. Também hoje se fala muito da Igreja de Roma, de tantas coisas, mas esperamos que se fale também da nossa fé, da fé exemplar desta Igreja, e rezemos ao Senhor para que possamos fazer com que se fale não de tantas coisas, mas da fé da Igreja de Roma.

O texto lido (*Rm* 12, 1-2) é o início da quarta e última parte da *Carta aos Romanos* e começa com as palavras «Exorto-vos» (v. 1). Normalmente diz-se que se trata da parte moral que segue a parte dogmática, mas no pensamento de São Paulo, e também na sua linguagem, não se podem dividir assim as coisas; esta palavra «exorto», em grego *parakalo*, tem em si a palavra *paraklesis* — *parakletos*, tem uma profundidade que vai muito além da moralidade; é uma palavra que sem dúvida inclui admoestação, mas também conforto, cura para o outro, ternura paterna, aliás materna; esta palavra «misericórdia» — em grego *oiktirmon* e em hebraico *rachamim*, seio materno — expressa a misericórdia, a bondade e a ternura de uma mãe. E se Paulo exorta, está implícito: fala com o coração, fala com a ternura do amor de um pai e não é só ele quem fala. Paulo diz «por misericórdia de Deus» (v. 1); faz-se instrumento do falar de Deus, faz-se instrumento do falar de Cristo; Cristo fala a nós com esta ternura, com este amor paterno, com esta solicitude por nós. E assim não faz apelo apenas à nossa moralidade e à nossa vontade, mas também à Graça que está em nós, que deixemos agir a Graça. É quase um acto no qual a Graça dada no Baptismo se torna activa para nós, deveria estar activa em nós; deste modo a Graça, o dom de Deus, e o nosso cooperar caminham juntos.

Neste sentido, ao que exorta Paulo? «Oferecei os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus» (v. 1). «Oferecei os vossos corpos»: fala da liturgia, fala de Deus, da prioridade de Deus, mas não fala de liturgia como cerimónia, fala de liturgia como vida. Nós próprios, o nosso corpo; nós no nosso corpo e como corpo devemos ser liturgia. Esta é a novidade do Novo Testamento, e vê-lo-emos ainda mais à frente: Cristo oferece-se a si mesmo e substitui assim todos os outros sacrifícios. E deseja «atrair-nos» a nós próprios para a comunhão do seu Corpo: o nosso corpo juntamente com o seu torna-se glória de Deus, torna-se liturgia. Assim esta palavra «oferecer» — em grego *parastesai* — não é só uma alegoria; alegoricamente também a nossa vida seria uma liturgia, mas, ao contrário, a verdadeira liturgia é a do nosso corpo, do nosso ser no Corpo de Cristo, como fez o próprio Cristo a liturgia do mundo, a liturgia cósmica, que tende a atrair todos a si.

«No vosso corpo, oferecer o corpo»: esta expressão indica o homem na sua totalidade, indivisível — no final — entre alma e corpo, espírito e corpo; no corpo somos nós mesmos e o corpo animado pela alma, o próprio corpo, deve ser a realização da nossa adoração. E pensamos — diria talvez que cada um de nós depois reflecta sobre esta palavra — que o nosso viver quotidiano

no nosso corpo, nas pequenas coisas, deveria ser inspirado, prodigalizado, imerso na realidade divina, deveria tornar-se acção juntamente com Deus. Isto não significa que devemos pensar sempre em Deus, mas que devemos ser realmente penetrados pela realidade de Deus, de modo que toda a nossa vida — e não só alguns pensamentos — seja liturgia, seja adoração. Paulo depois diz: «Oferecei os vossos corpos como sacrifício vivo» (v. 1): a palavra grega é *logike latreia* e aparece depois no Cântico Romano, na primeira Oração Eucarística, «*rationabile obsequium*». É uma definição nova do culto, mas elaborada quer no Antigo Testamento, quer na filosofia grega: são dois rios — por assim dizer — que guiam para este ponto e se unem na nova liturgia dos cristãos e de Cristo. Antigo Testamento: desde o início compreenderam que Deus não precisa de touros, de carneiros, destas coisas. No Salmo 50 [49], Deus diz: pensais que eu coma touros, que eu beba sangue de carneiros? Eu não preciso destas coisas, não me agradam. Eu não bebo e não como estas coisas. Não são sacrifício para mim. Sacrifício é o louvor de Deus, se vós vindes a mim é louvor de Deus (cf. vv. 13-15.23). Assim o caminho do Antigo Testamento orienta-se para um ponto no qual estas coisas exteriores, símbolos, substituições, desaparecem e o próprio homem se torna louvor de Deus.

O mesmo se verifica no mundo da filosofia grega. Também aqui se compreende cada vez mais que não se pode glorificar a Deus com estas coisas — com animais ou ofertas — mas que só o «*logos*» do homem, a sua razão transformada em glória de Deus, é realmente adoração, e a ideia é que o homem deveria sair de si mesmo e unir-se com o «*Logos*», com a grande Razão do mundo e assim ser de veras adoração. Mas aqui falta algo: o homem, segundo esta filosofia, deveria deixar — por assim dizer — que o corpo se espiritualize; só o espírito seria adoração. O Cristianismo, ao contrário, não é simplesmente espiritualização ou moralização, ou seja, Cristo é o «*Logos*», é a Palavra encarnada, e Ele reúne-nos a todos, de modo que n'Ele e com Ele, no seu Corpo, como membros deste Corpo nos tornamos realmente glorificação de Deus. Tenhamos isto presente: por um lado certamente sair destas coisas materiais por um conceito mais espiritual da adoração de Deus, mas chegar à encarnação do espírito, chegar ao ponto no qual o nosso corpo seja resumido no Corpo de Cristo e o nosso louvor a Deus não seja só palavras, mas acções, realidade de toda a nossa vida. Penso que devemos reflectir sobre este rezar a Deus, para que nos ajude a fim de que o espírito se torne carne também em nós, e a carne se torne cheia do Espírito de Deus.

Encontramos a mesma realidade também no quarto capítulo do *Evangelho de São João*, onde o Senhor diz à samaritana: Não se adorar no futuro sobre este monte ou sobre aquele, com estes ou outros ritos; adorar-se-á em espírito e em verdade (cf. *Jo* 4, 21-23). Certamente é espiritualização, sair destes ritos carnis, mas este espírito, esta verdade não é um espírito abstracto qualquer: o espírito é o Espírito Santo, e a verdade é Cristo. Adorar em espírito e verdade significa entrar realmente através do Espírito Santo no Corpo de Cristo, na verdade do ser. E assim nós tornamo-nos verdade e glorificação de Deus. Tornar-se verdade em Cristo exige o nosso compromisso total.

E depois prosseguimos: «Santo e agradável a Deus: é este o vosso culto espiritual» (*Rm* 12, 1). Segundo versículo: depois desta definição fundamental da nossa vida como liturgia de Deus, encarnação da Palavra em nós, todos os dias, com Cristo — a Palavra encarnada — são Paulo prossegue: «Não vos conformeis com este mundo, mas deixai-vos transformar, renovando o vosso modo de pensar» (v. 2). «Não vos conformeis com este mundo». Há um não conformismo do cristão, que não se deixa conformar. Isto não significa que nós queremos fugir do mundo, que não nos interessa o mundo; ao contrário, desejamos transformar-nos a nós mesmos e deixar-nos transformar, transformando assim o mundo. E devemos ter presente que no Novo Testamento, sobretudo no *Evangelho de são João*, a palavra «mundo» tem dois significados e por conseguinte indica o problema e a realidade da qual se trata. Por um lado o «mundo» criado por Deus, amado por Deus, até ao ponto de se entregar a si mesmo e o seu Filho por este mundo; o mundo é criatura de Deus, Deus ama-o e quer dar-se a si mesmo para que ele seja realmente criação e resposta ao seu amor. Mas há também o outro conceito do «mundo», *kosmos houtos*; o mundo que está no mal, que está no poder do mal, que reflecte o pecado original. Vemos este poder do mal hoje, por exemplo, em dois grandes poderes, que em si são úteis e bons, mas que são facilmente abusáveis; o poder das finanças e o poder dos meios de comunicação. Ambos são necessários, porque podem ser úteis, mas tão abusáveis que muitas vezes tornam-se o contrário das suas verdadeiras intenções.

Vemos como o mundo das finanças possa dominar o homem, que o ter e o parecer dominam o mundo e escravizam-no. O mundo das finanças já não representa um instrumento para favorecer o bem-estar, para favorecer a vida do homem, mas torna-se um poder que o oprime, que deve ser quase adorado: «*Mamona*», a verdadeira divindade falsa que domina o mundo. Contra este conformismo da submissão a este poder, devemos ser não conformistas: não conta o ter, mas o ser! Não nos submetamos a isto, usemo-lo como meio, mas com a liberdade dos filhos de Deus.

Depois o outro, o poder da opinião pública. Certamente precisamos de informações, de conhecimento das realidades do mundo, mas depois pode tratar-se de um poder da aparência; no final, o que é dito conta mais do que a própria realidade. Uma aparência sobrepõe-se à realidade, torna-se mais importante, e o homem já não segue a verdade do seu coração, mas deseja sobretudo parecer, ser conforme a estas realidades. E também contra isto há o não conformismo cristão: não queremos ser sempre «conformados», louvados, não queremos a aparência, mas a verdade e isto dá-nos liberdade e a verdadeira liberdade cristã: libertar-se desta necessidade de prazer, de falar como a massa pensa que deveria ser, e ter a liberdade da verdade, e deste modo recriar o mundo de modo que não seja oprimido pela opinião, pela aparência que já não deixa sobressair a própria realidade; o mundo virtual torna-se mais verdadeiro, mais forte e já não se vê o mundo real da criação de Deus. O não conformismo do cristão redime-nos, restitui-nos à verdade. Rezemos ao Senhor para que nos ajude a ser homens livres neste não conformismo que não é contra o mundo, mas é o verdadeiro amor do mundo.

E são Paulo prossegue: «Transformar, renovando o vosso modo de pensar» (v. 2). Duas palavras

muito importantes: «transformar», do grego *metamorphon*, e «renovar» em grego *anakainosis*. Transformar-nos a nós mesmos, deixar-nos transformar pelo Senhor na forma da imagem de Deus, transformar-nos todos os dias de novo, através da sua realidade, na verdade do nosso ser. E «renovação»; esta é a verdadeira novidade: que não nos submetamos às opiniões, às aparências, mas à Graça de Deus, à sua revelação. Deixemo-nos formar, plasmar, para que surja realmente no homem a imagem de Deus.

«Renovando — diz Paulo, para mim de modo surpreendente — o vosso modo de pensar». Por conseguinte, esta renovação, esta transformação começa com a renovação do pensar. São Paulo diz «*o nous*»: todo o modo do nosso raciocinar, a própria razão deve ser renovada. Renovada não segundo as categorias do habitual, mas renovar significa deixar-se iluminar realmente pela Verdade que nos fala na Palavra de Deus. E desta forma, finalmente, aprender o novo modo de pensar, que é o modo que não obedece ao poder e ao ter, ao parecer, etc., mas obedece à verdade do nosso ser que habita profundamente em nós e que nos é dada novamente no Baptismo.

«Renovar o modo de pensar»: todos os dias é uma tarefa precisamente no caminho do estudo da Teologia, da preparação para o sacerdócio. Estudar bem a teologia, espiritualmente, pensá-la até ao fundo, meditar a Escritura todos os dias; este modo de estudar a Teologia com a escuta do próprio Deus que nos fala é o caminho de renovação do pensar, de transformação do nosso ser e do mundo.

E, por fim, «Façamos tudo — segundo Paulo — para poder discernir a vontade de Deus, o que é bom, o que Lhe é agradável e perfeito» (cf. v. 2). Discernir a vontade de Deus: podemos aprender isto só num caminho obediente, humilde, com a Palavra de Deus, com a Igreja, com os Sacramentos, com a meditação da Sagrada Escritura. Conhecer e discernir a vontade de Deus, quanto é bom. Isto é fundamental na nossa vida.

E, no dia de Nossa Senhora da Confiança, vemos em Nossa Senhora precisamente a realidade de tudo isto, a pessoa que é realmente nova, que foi deveras transformada, que é realmente sacrifício vivente. Nossa Senhora vê a vontade de Deus, vive na vontade de Deus, diz «sim», e este «sim» de Nossa Senhora é todo o seu ser, e assim mostra-nos o caminho, ajuda-nos. Portanto, neste dia, rezemos a Nossa Senhora, que é o ícone vivente do homem novo. Ajude-nos a transformar, a deixar transformar o nosso ser, a ser realmente homens novos, a sermos também depois, se Deus quiser, Pastores da sua Igreja. Obrigado!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana